



UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA
INSTITUTO DE ARTES
DEPARTAMENTO DE ARTES CÊNICAS

**CIA LOGUS:
O potencial estético e de mobilização do teatro cristão evangélico**

Adonel Antonio Alves Junior

VITÓRIA – ES
2023

Adonel Antonio Alves Junior

**CIA LOGUS:
O potencial estético e de mobilização do teatro cristão evangélico**

Trabalho de Conclusão do Curso de
Licenciatura em Teatro, do Departamento
de Artes Cênicas do Instituto de Artes da
Universidade de Brasília

Professora Orientadora: Mestra Aline
Seabra de Oliveira

VITÓRIA – ES

2023



Instituto de Artes - IdA

Departamento de Artes Cênicas - CEN

ATA DA DEFESA DO TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO

ADONEL ANTONIO ALVES JUNIOR

CIA LOGUS: O POTENCIAL ESTÉTICO E DE MOBILIZAÇÃO DO TEATRO CRISTÃO EVANGÉLICO

Trabalho de Conclusão de Curso em Licenciatura em Teatro do estudante **Adonel Antonio Alves Junior**, apresentado à Universidade de Brasília - UnB, como requisito para obtenção do Título de Licenciado em Teatro, período 2023.2, com nota final igual a **SS**, sob a orientação da professora Mestre Aline Seabra de Oliveira.

Vitória-ES, 15 de dezembro de 2023.

Banca Examinadora:

Prof.ª Ma. Aline Seabra de Oliveira

Orientador

Prof.ª Ma. Angelica Beatriz Souza e Silva

Examinador

Prof.ª Dra. Sulian Vieira Pacheco

Examinador



Documento assinado eletronicamente por **Angélica Beatriz Souza e Silva, Usuário Externo**, em 19/12/2023, às 22:08, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento na Instrução da Reitoria 0003/2016 da Universidade de Brasília.



Documento assinado eletronicamente por **Aline Seabra de Oliveira, Usuário Externo**, em 21/12/2023, às 13:26, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento na Instrução da Reitoria 0003/2016 da Universidade de Brasília.



Documento assinado eletronicamente por **Sulian Vieira Pacheco, Professor(a) de Magistério Superior do Departamento de Artes Cênicas do Instituto de Artes**, em 21/12/2023, às 20:01, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento na Instrução da Reitoria 0003/2016 da Universidade de Brasília.



A autenticidade deste documento pode ser conferida no site

http://sei.unb.br/sei/controlador_externo.php?

[acao=documento_conferir&id_orgao_acesso_externo=0](http://sei.unb.br/sei/controlador_externo.php?acao=documento_conferir&id_orgao_acesso_externo=0), informando o código verificador **10697557** e o código CRC **6344CC25**.

Dedico este trabalho aos meus principais incentivadores: os meus pais Adonel Antonio Alves e Maria da Glória Flores Alves, que sempre me apoiaram e me ensinaram que a educação é o caminho.

AGRADECIMENTOS

Aos meus professores, tutores e toda Equipe do curso de Licenciatura em Teatro UnB;

Aos meus colegas de curso, principalmente a Cynthia Gontijo e Kaio Henrique Deolindo, que durante todo esse trajeto estiveram comigo em uma cumplicidade e troca de experiências que fizeram toda a diferença;

À equipe do Polo da Universidade Aberta do Brasil em Vitória, em especial à coordenadora Rosane Muñoz que abraçou o curso e sempre me incentivou a prosseguir;

Aos meus amigos da Cia Logus, que se colocaram à disposição e tornaram este trabalho possível;

À minha orientadora professora Aline Seabra que teve toda paciência durante o processo de orientação e acreditou que eu conseguiria desde o primeiro encontro de orientação. Aquele dia eu não acreditava que isso fosse possível;

A Deus que me fez capaz de alcançar mais essa graça e colocou as pessoas certas no meu caminho.

RESUMO

O objeto de estudo desta pesquisa é a companhia teatral Logus, um grupo de teatro evangélico fundado em 2019 no estado do Espírito Santo. Este estudo tem como objetivo investigar o potencial estético e de mobilização desta companhia no que diz respeito a sua contribuição para a formação de plateia dentro e fora do ambiente religioso. A motivação para este estudo está baseada na observação de que o papel do teatro nas igrejas evangélicas brasileiras, em muitos casos, ultrapassa a questão da evangelização e de que os seus benefícios não se restringem apenas a comunidade religiosa. Os objetivos específicos deste trabalho incluem a pesquisa de autores relevantes para compreender a história do teatro evangélico, registros da história da Cia Logus, entrevistas com integrantes da companhia e da comunidade, bem como investigação de autores que abordam a temática da formação de plateia. A pesquisa se justifica pela falta de referências bibliográficas sobre o Teatro Cristão Evangélico e sua relação com as igrejas protestantes no Brasil. Espera-se que este estudo ajude a preencher essa lacuna e forneça informações úteis para futuros pesquisadores, artistas de teatro e grupos interessados no assunto. A metodologia da pesquisa inclui observação de campo, entrevistas individuais e coletivas com os integrantes da companhia Logus, pesquisa bibliográfica e análise de conceitos relevantes relacionados ao teatro e à religião. O trabalho está dividido em dois capítulos: o primeiro aborda a história do Teatro Cristão no Brasil, enquanto o segundo se concentra no potencial estético e de mobilização da Cia Logus. A hipótese deste estudo parte do pressuposto que, apesar do trabalho da companhia ser oriundo de um contexto religioso, ele pode contribuir para a formação de plateia de pessoas que não fazem parte da religião.

Palavras-chave: Cia Logus; Teatro Cristão Evangélico; formação de plateia.

LISTA DE IMAGENS

Figura 1: Peça <i>O Jardim do Inimigo</i> (2000).....	24
Figura 2 – Caíque Oliveira. Fundador da Cia Nissi interpretando o personagem principal da peça <i>O Jardim do Inimigo</i>	24
Figura 3 – Cartaz de divulgação do processo seletivo da Cia Logus.....	30
Figura 4: Representação da encenação da peça intitulada <i>Ofensa</i>	35
Figura 5: Maquiagens da peça <i>Ofensa</i>	36
Figura 06: Imagens de divulgação das peças produzidas.....	38

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	8
CAPÍTULO 1 – A RELAÇÃO DO TEATRO CRISTÃO COM A IGREJA EVANGÉLICA.....	14
1.1 - O Teatro Cristão.....	14
1.2 – O Teatro Cristão no Brasil colonizado.....	17
1.3 – O Teatro Cristão e a Igreja Evangélica.....	18
1.4 – Referência do Teatro Evangélico Contemporâneo.....	22
1.5 – O Teatro Cristão Evangélico e a formação de plateia.....	24
CAPÍTULO 2 – O POTENCIAL ESTÉTICO DE MOBILIZAÇÃO DA CIA LOGUS.....	28
2.1 – Cia Logus e o chamado missionário.....	28
2.2 – Processo criativo: a experiência na criação dos espetáculos.....	34
2.3 – Projetos, produções e ações da Companhia.....	37
2.4 – A companhia e a comunidade.....	39
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	41
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	47
APÊNDICES.....	49

INTRODUÇÃO

Esta pesquisa busca investigar o potencial estético e de mobilização da companhia Logus. Uma Cia capixaba- (ES) de teatro evangélico, fundada no ano de 2019, que utiliza a linguagem cênica como instrumento evangelizador e que viaja por todo o Brasil encenando peças autorais com temas cristãos. A escolha se dá em razão da minha percepção de que o trabalho de teatro profissional que a companhia se propõe realizar vai além da evangelização, interferindo no acesso das pessoas ao teatro e na formação de plateia. Trata-se de uma pesquisa está circunscrita ao contexto das igrejas evangélicas brasileiras.

Apesar de ter criação e vivência na Igreja Católica, sempre tive contato com igrejas evangélicas através de familiares que me convidavam, frequentemente, para visitar uma denominação ou outra, como por exemplo, Batistas, Assembleia renovada e Luterana. Assim, sempre tive a oportunidade de observar como os jovens se relacionavam com suas respectivas igrejas e como a arte era vivenciada nesses ambientes. No caso da Igreja Católica, por muitos anos vi os jovens participando dos encontros da Pastoral da Juventude¹ e, às vezes, responsabilizando-se pela organização da celebração dos rituais religiosos. Já nas igrejas evangélicas, pude notar que os jovens ficavam muito envolvidos com a música e/ou a dança. Na minha experiência nestes espaços observei um grande interesse dos jovens evangélicos pela produção artística. Isso não fazia muito sentido para mim. Especialmente, levando em consideração a relação que a Igreja Católica tem com o teatro desde a Idade Média.

Logo nos primeiros contatos com a companhia Logus percebi que a linguagem utilizada pela Cia e o uso de vários elementos cênicos diferenciava o grupo se comparados aos teatros realizados em igrejas que eu conhecia, que, normalmente, versavam sobre histórias e parábolas bíblicas. A Cia fazia uso de elementos muito bem estruturados como maquiagem cênica, figurinos e interpretações bem elaboradas. Outro elemento que me chamou atenção foi a produção de uma dramaturgia autoral que não tratava, necessariamente, de histórias bíblicas.

1 A Pastoral da Juventude é uma ação evangelizadora da Igreja entre os jovens católicos, onde os próprios jovens são protagonistas de sua evangelização, assumindo-se evangelizadores de outros jovens. Atuando na comunidade e na sociedade.

Logo que comecei a estudar teatro, através de cursos livres e posteriormente o curso técnico, passei a inseri-lo em todas as áreas que faziam parte do meu círculo social. Na faculdade de Recursos Humanos da Cet-Faesa em 2010/2011, utilizava o teatro para apresentar os seminários avaliativos, encenando algumas situações que correspondessem ao tema indicado pelos professores. Na Igreja Católica, apesar das dificuldades que mencionarei mais adiante, eu utilizava a linguagem cênica para apresentar esquetes nos encontros do grupo de jovens, durante as celebrações e missas e até mesmo na festa junina.

Em 2012, fiquei sabendo através da internet que seria promovido um festival de Teatro Cristão intitulado *Fé e Arte*². Encantado pelo teatro, tratei de ir, mesmo sozinho. Aquele festival foi muito importante, pois visualizei as possibilidades que o teatro religioso tinha. Várias das peças sequer citavam o nome de Jesus, mas seus ensinamentos estavam ali de alguma forma criativa e sensível.

Foi nesse festival que vi pela primeira vez os atores que posteriormente se tornariam meus amigos e que hoje são fundadores e integrantes da Cia Logus. Naquele ano, eles estavam na Cia de Artes Missão³, onde permaneceram até 2019. A peça autoral que apresentaram naquela ocasião chamava-se *Heróis, quais são os seus?* Na encenação, um dos atores fazia o personagem de Chapolin Colorado⁴. Antes disso, nunca imaginei que uma peça cristã ousaria fazer isso. Minha relação mais profunda com o teatro cristão começou nesse dia. Passei a investigar sobre o assunto e tentar criar algo com aquela qualidade na igreja católica em que participava.

Foram várias as tentativas de criar um ministério de teatro na paróquia Virgem Maria que abrange os bairros Itacibá, Oriente, Itanguá e Nova Brasília na cidade de Cariacica - ES, o ministério se chamaria Ministério ConsagrArt. Fiz um cartaz divulgando a seleção, ministrei oficinas e reuni um grupo no segundo semestre de 2012 que inicialmente parecia bastante animado. No entanto, com o

2 Festival promovido pelo grupo Fé e Arte de Vitória-ES, em 2012 foi a 8ª e última edição.

3 Companhia de teatro cristão de Vitória – ES. Fundada em 2012 a partir de um grupo de teatro de membros da Igreja Batista, após sua fundação os membros passaram a ser missionários, trabalhando exclusivamente com a evangelização através do teatro, recebendo integrantes de outras denominações e morando juntos na sede da Cia em Vitória.

4 Chapolin Colorado é um personagem interpretado pelo ator e comediante mexicano Roberto Gómez Bolaños, conhecido como "Chespirito". Chapolin é um super-herói atrapalhado, famoso por usar um uniforme vermelho e amarelo com um coração na frente

passar do tempo, as pessoas foram desistindo. A rotina de ensaios e as responsabilidades que eu estava propondo não foram muito atrativas para o grupo. As faltas eram constantes. Muitos estavam acostumados a realizar pequenas apresentações na igreja, mas os ensaios eram breves, havia muito improviso e pouca técnica teatral. Assim, o Ministério ConsagrArt durou apenas uma apresentação da peça adaptada *A igreja adormecida* em 2013.

A peça tinha como proposta a reflexão dos próprios membros da Igreja a respeito do acolhimento daqueles personagens da vida real que geralmente são excluídos da sociedade ou julgados até mesmo pela própria igreja. Tinham personagens como garota de programa, mendigo, “trombadinha”, grávida (mãe solo), entre outros. A personagem “Igreja” vestida de noiva, fazendo referência a ideia bíblica de que a igreja é a noiva de Cristo (Efésios 5:25-27), entrava em cena, cansada e segurando um saco preto, ela andava até o palco e deitava-se cansada numa mesa e dormia, enquanto isso entrava cada personagem de uma vez suplicando por ajuda da igreja, que continuava dormindo, após todos entrarem em cena eles ficavam posicionados sentados no chão ao redor da “igreja”, em certo momento esta acordava, pegava o saco preto e dentro dele vários cartazes com palavras que justificariam aquele comportamento dela, tais como egoísmo, falta de amor, falta de fé, entre outros. No final entrava o personagem Espírito Santo, ele então colocava na igreja faixas com palavras do tipo fé, amor, acolhimento, entre outras, no final a igreja munida com novos valores acolhia cada um dos personagens que clamavam por ajuda.

Posteriormente, quando passei a estudar a história do teatro e a forte relação que este tem com a Igreja Católica percebi que, mesmo apesar da sua relação histórica, seu uso ainda continuava sendo mais conhecido pelo público em geral pelos autos da Paixão de Cristo. Diferentemente da igreja evangélica, não é comum usar o altar católico para as encenações. Quando eu montava alguma esquete dentro da igreja católica, esta tinha que ser realizada na frente do altar ou do lado de fora da igreja. O que é totalmente diferente na igreja evangélica, onde as peças e coreografias podem ser realizadas no altar.

Em 2019 fui convidado para dirigir um trabalho da Cia Logus. Tive a oportunidade de aprender muito com eles sobre o teatro desenvolvido nas igrejas

evangélicas, o que me fez buscar fontes bibliográficas para aperfeiçoar o meu trabalho. Constatei, então, que tínhamos poucos registros históricos da relação do teatro com as igrejas evangélicas protestantes, que surgiram no Brasil desde os primeiros colonizadores. Como explicita Oliveira (2006):

A presença do protestantismo no Brasil data do início de sua colonização, aliás, até mesmo um pouco antes dela, se quisermos ser rigorosos quanto às datas: a primeira aparição dele no cenário da Colônia Portuguesa deu-se em 1545, quatro anos antes da chegada do primeiro governador geral, em 1549. Regra geral, a história do protestantismo brasileiro é considerada pelos historiadores como começada no Brasil pré-independente, isto é, com a transferência da sede do Reino português para o Rio de Janeiro (Oliveira, 2006, p.21).

Provocado por essas inquietações e envolvido cada vez mais com grupos evangélicos que têm interesse em fazer teatro em suas igrejas e que me convidam para ministrar oficinas, além das parcerias de trabalho com a Cia Logus, decidi mergulhar nesse campo para investigar sobre o assunto.

Nesta pesquisa, investigarei o lugar do teatro na Igreja Evangélica contemporânea, mais especificamente, a partir da experiência da Companhia de teatro Logus. Para isso, utilizarei como base as seguintes perguntas: (1) De acordo com os integrantes e com a comunidade, o trabalho teatral realizado pela Cia Logus exerce um papel que vai além da evangelização? (2) Qual a relação da Logus com a comunidade local não religiosa? (3) A Cia possui planos ou projetos de participar de festivais de teatro, sejam eles cristãos ou tradicionais? (4) Entre os integrantes da Logus, há um consenso sobre o papel do teatro na igreja? (5) De que maneira a democratização do acesso ao teatro, que pode ocorrer nas igrejas por onde a Cia passa, contribui para a formação de público para teatros fora do ambiente religioso?

As respostas dessas e de outras perguntas que aparecerão durante a pesquisa trilham um caminho para alcançar meu objetivo geral que é investigar o potencial estético e de mobilização da companhia teatral evangélica Logus e o seu papel na formação de plateia entre cristãos e não cristãos. Para isto, pesquisei autores que falem sobre o teatro cristão, busquei registros diversos (escritos e imagéticos) sobre a Cia Logus, bem como entrevistei integrantes da companhia, pessoas que assistiram as peças e pesquisei trabalhos de autores e autoras que falem sobre a formação de plateia.

Conforme mencionado anteriormente, ainda há poucas ou quase nenhuma referência bibliográfica que aborde o tema do Teatro Cristão Evangélico ou conte a história do teatro relacionado à igreja evangélica protestante. Sendo assim, acredito que esta pesquisa pode tornar-se importante na tentativa de resgatar essa história e contribuir para os futuros pesquisadores interessados no assunto. Outros beneficiários dos resultados alcançados poderão ser os atores missionários, que terão mais uma fonte de pesquisa para aprimorar seu trabalho. Além disso, acredito que artistas de teatro, em geral, também poderão se beneficiar das discussões registradas, adquirindo conhecimento prático no campo do Teatro Cristão e explorando outros temas úteis para sua prática profissional, como formação de público e processos criativos.

Dois autores serviram como ponto de partida para o desenvolvimento desta pesquisa. O primeiro é Ismael Coelho, que em 2017 escreveu um trabalho acadêmico como conclusão do curso de Comunicação Social na Universidade de Juiz de Fora, em Minas Gerais, abordando o tema *Teatro - Religião - Sociedade*. O segundo autor é Leandro Fazola Rodrigues dos Santos, autor do artigo publicado na Revista Brasileira de Histórias da Religião, intitulado *Hibridismo e dicotomias do teatro cristão (2013)*.

Para o desenvolvimento deste trabalho, foi escolhida a metodologia da pesquisa de campo. George E. Marcus, em seu livro *Ethnography through Thick and Thin* (1998), argumenta que a pesquisa de campo em disciplinas como as artes deve ir além da simples observação dos fenômenos culturais e artísticos. Ele sugere que os pesquisadores devem se envolver ativamente com os artistas e suas comunidades, participando de suas práticas e experiências de vida. Enquanto referência bibliográfica, utilizei livros, monografias e artigos para pesquisar sobre o tema, como por exemplo, os livros *O que é Teatro* de Fernando Peixoto (1980) e *A História mundial do teatro* de Margot Berthold (2014), as monografias *Cia Nissi: Uma análise da relação teatro-religião-sociedade* de Ismael Coelho (2017) e *Elementos cênicos no teatro cristão, Reflexões sobre o espaço cênico e a expressão corporal, na preparação do espetáculo "Colisão"* (2016) pelo grupo Kerigma de Priscila Souza (2017) e o artigo *Notas sobre a experiência e o saber de experiência* de Jorge Larrosa Bondía (2002), entre outros.

Apesar de já ter algum conhecimento sobre a rotina da Cia Logus, devido ao trabalho em parceria com eles na direção cênica do espetáculo *Migalhas* (2019), foi de extrema importância realizar uma reaproximação com um olhar voltado para os objetivos específicos desta pesquisa, o que me permitiu responder a várias das questões levantadas e outras que surgiram durante o processo. Além disso, foram realizadas entrevistas individuais e coletivas com todos os integrantes da companhia.

A proposta foi acompanhar o grupo durante algumas semanas e observar todas as etapas do processo criativo, assim como a rotina de agendamentos, apresentações, divulgação e elaboração dos teasers das peças. Nos primeiros dias foram realizados a observação e registro de relatórios, além de anotações de possíveis dúvidas a serem esclarecidas durante a etapa das entrevistas. Esse método de anotações foi adotado para que, nesse primeiro momento, minha presença não modificasse ou atrapalhasse a rotina da Cia e eu pudesse observar o dia a dia deles de forma mais próxima. Em seguida, foram realizadas entrevistas gravadas com um aplicativo específico de gravação de voz no aparelho celular, permitindo consultas futuras durante a fase de escrita dos capítulos deste trabalho.

Pretendia-se também dialogar com alguns autores, a fim de apresentar conceitos importantes para o entendimento do assunto em discussão. Alguns dos principais conceitos são: Teatro Cristão Evangélico, processo criativo, experiência, igreja evangélica e a figura do "Artista Missionário", considerando que não há registros desse conceito atualmente e que os conceitos de artista e missionário geralmente são vistos como distintos. Para isso, foram abordados autores como Enock Pessoa (2011), Jorge Larrosa Bondía (2002), Ismael Crispin Coelho (2017), Priscila Soares Morais (2012), Priscila Peres de Oliveira Souza (2017), Margot Berthold (2014), entre outros. O presente trabalho de conclusão de curso foi dividido em dois capítulos, tentando assim dinamizar o conteúdo para o leitor e tornando a leitura o mais agradável e objetiva possível.

Capítulo 1- **A relação do Teatro Cristão com a Igreja Evangélica**

No primeiro capítulo irei abordar o teatro cristão, suas origens e como o mesmo se relaciona nos contextos católico e evangélico. O teatro cristão tem sido uma expressão cultural significativa no contexto brasileiro, gerando muita discussão e polêmica, especialmente durante o período colonial no qual foi, em muitas situações, utilizado como instrumento de dominação. Neste primeiro capítulo, então, irei abordar a história do Teatro Cristão no Brasil colonizado, examinando como essa forma de arte se desenvolveu e se relacionou com a sociedade da época. Além disso, dedicarei atenção especial ao papel do Teatro Cristão dentro da Igreja Evangélica, analisando como essa manifestação artística tem sido utilizada como ferramenta de evangelização e edificação espiritual dentro das comunidades evangélicas. O Teatro Evangélico contemporâneo também será abordado, destacando referências e influências presentes nessa forma de teatro, que busca trazer temáticas bíblicas e mensagens de fé para os palcos. Discutirei a relação entre o Teatro Cristão Evangélico e a formação de plateia, examinando como essa expressão artística tem o potencial de engajar e formar um público ávido por conteúdo cultural que reflita sua fé e valores.

1.1 Teatro Cristão

De acordo com os pesquisadores Benjamin Santos (1998) e Evilázio Teixeira (1997), o teatro ocidental tem sua origem relacionada ao sagrado. Seu nascimento no ocidente foi marcado por festas e rituais que festejavam deuses e os elementos da natureza, que, em agradecimento, mandariam chuva, tornariam a terra e as pessoas férteis, auxiliariam nas guerras, marcariam as transições das estações, entre outros.

De acordo com J. E.L. Almeida (2010) é na Grécia Antiga que o teatro passa a ser difundido como uma homenagem ao deus Dionísio - o deus grego do vinho, festividades e êxtase, que possui uma relação intrínseca com o teatro na mitologia e cultura grega. Dionísio é frequentemente associado ao

desenvolvimento e origem do teatro na Grécia Antiga. As Dionísias, festivais em sua honra, eram ocasiões em que apresentações teatrais eram realizadas. Os antigos dramas gregos, tanto tragédias como comédias, eram encenados durante esses festivais, como parte das cerimônias religiosas dedicadas à Dionísio⁵. A respeito da origem do teatro grego, Almeida (2010) diz:

As origens do teatro, tanto institucional, como materialmente, estão diretamente ligadas às danças e cantos em honra a Dionísio e, como vimos anteriormente, tais performances aconteciam inicialmente nos campos, de forma não normatizada. Podemos dizer, então, que o nascimento do teatro, antes que ele se firmasse em um só lugar, se dê na khóra, com os cortejos e danças rituais de sátiros e mênades (...). Falar do teatro materialmente constituído implica estar a par também da religião dionística e entender como se deu o processo de institucionalização do culto e da configuração do teatro como o lugar do deus (Almeida, 2010, p. 11).

Com o declínio da civilização grega, o império Romano emergiu como uma potência dominante, assumindo muitos dos elementos culturais e artísticos dos gregos, incluindo o teatro. Inspirados pela rica tradição teatral grega, os romanos adaptaram e incorporaram peças de teatro ao seu próprio contexto e gostos. O teatro romano se tornou uma importante forma de entretenimento e expressão artística, cativando o público com espetáculos grandiosos e emocionantes. Os romanos desenvolveram seus próprios gêneros teatrais, como a comédia de costumes e as tragédias históricas, abordando temas relevantes para sua sociedade e política. Os teatros romanos eram imponentes e monumentais, tornando-se verdadeiras obras arquitetônicas. O teatro se tornou uma ferramenta para a disseminação da cultura romana e uma forma de fortalecer o domínio do império, fornecendo entretenimento para as massas e promovendo os ideais romanos. Assim, o teatro se tornou uma parte vital da cultura e da vida social no império Romano, perpetuando a influência da arte dramática por séculos além do seu declínio.

De acordo com Aranha e Martins (1992) na Idade Média, a arte serviu grandemente para ensinar os principais preceitos do catolicismo e para relatar histórias bíblicas. As expressões artísticas, como pinturas, peças teatrais,

5 Acredita-se que Dionísio tenha inspirado e protegido os dramaturgos e atores, contribuindo assim para a evolução do teatro como uma forma de expressão artística e cultural na Grécia Antiga. Sua influência perdura até os dias atuais, e ele continua sendo lembrado como uma figura importante para a história do teatro

esculturas e vitrais, eram utilizadas para ilustrar histórias bíblicas e passagens religiosas, tornando-as acessíveis ao público em geral. Essa forma de comunicação visual permitia que os fiéis compreendessem e se conectassem com as narrativas sagradas, fortalecendo sua devoção e fé.

Diante desse cenário, o teatro alcança novos voos, ganha pluralidade, diversidade, dialogando com o sagrado e o profano. Seja por meio dos autos, jograis, seja por meio das encenações, ora confirmando os preceitos da igreja, ora tratando com comicidade a questão do sagrado (Souza, 2017, p.12). A esse respeito, a pesquisadora Margot Berthold em sua obra literária *História Mundial do Teatro* (2001) diz:

O teatro da Idade Média é tão colorido, variado e cheio de vida e contrastes quantos os séculos que o acompanha. Dialoga com Deus e o diabo, apoia seu paraíso sobre quatro singelos pilares e move todo o universo com um simples molinete. Carrega a herança da Antiguidade na bagagem como viático, tem o mimo como companheiro e traz nos pés um rebrilho do ouro bizantino (Berthold, 2001, p. 185).

Ocorre que todo esse brilho e aparato não agradou à Igreja. Segundo autores como Berthold (2001), Benjamin Santos (1998) e Evilázio Teixeira (1997), após a cristianização da Europa, a Igreja silencia a arte do teatro, uma vez que, de maneira geral, a considerava profana. O teatro servia à igreja somente se fosse utilizado para a evangelização e catequização dos povos. A mesma Igreja que silenciou o teatro passará a utilizá-lo como um de seus principais instrumentos (Santos, 1998, p.5) a fim de popularizar seus discursos e doutrinas, bem como narrar as histórias sagradas da Bíblia, contar sobre a vida dos mártires e santos, discorrer sobre as parábolas, utilizando uma linguagem menos formal e mais acessível ao povo, atraindo assim cada vez mais fiéis, dando início ao que chamamos de teatro cristão. A esse respeito, Santos (2013) destaca:

Avesso às práticas religiosas pagãs, o Cristianismo, durante muito tempo, colocou-se enfaticamente contra as apresentações teatrais, motivado, entre outros fatores, pelo teatro ter surgido em festividades ao deus pagão Dionísio, na Grécia Antiga. Ainda assim, com o passar dos anos, a prática teatral dentro das igrejas se desenvolveu e consolidou, tornando-se parte constituinte de diversas festividades litúrgicas. Mesmo que seja, de certa forma, excluída do mercado tradicional teatral, cada vez mais manifestações de grupos ligados ao teatro feitas dentro das igrejas se desenvolvem, sobretudo no Brasil, mostrando que, mesmo às margens de um mercado consolidado de teatro, o desejo por fazer o segmento evoluir se mantém forte e constante (Santos, 2013, p. 2).

É nesse panorama que se encontra o objeto desta pesquisa: o teatro religioso cristão, que nos últimos anos têm conquistado cada vez mais espaço, tanto dentro das igrejas evangélicas quanto nos palcos tradicionais dos teatros. E antes de falarmos sobre o cenário atual, passaremos brevemente pelo histórico que os registros bibliográficos apresentam sobre a chegada do teatro no Brasil e sua relação com a religiosidade.

1.2 - O teatro cristão no Brasil colonizado

Assim como em sua essência, a chegada do teatro no Brasil também possuiu um cunho religioso. No caso do Brasil, o teatro, com essa denominação, foi introduzido pelos jesuítas durante o Período Colonial⁶ e foi um dos principais instrumentos de doutrinação e catequização dos povos originários aos costumes cristãos europeus. De acordo com Priscila Souza (2017):

Ao se depararem com os nativos indígenas que viviam nas terras brasileiras, seus costumes e cultura, os colonizadores portugueses, em especial os jesuítas que aportaram aqui nas primeiras expedições, buscaram ensinar os padrões lusitanos que no Brasil também seriam impostos. Assim, o teatro foi fortemente usado pelos jesuítas como forma de catequização dos indígenas habitantes no país, e para apaziguar os conflitos existentes entre colonos e indígenas (Souza, 2017, p.13).

Um dos principais representantes desse período foi o padre José de Anchieta, responsável pela escrita de diversos textos teatrais e poesias dramatizáveis, como, por exemplo, *O Auto da Pregação Universal* (1567), *Auto dos Mistérios de Nossa Senhora* (1560), *Visitação de Santa Isabel* (1563), entre outros. Sobre esse recorte da história brasileira, Anna Kalewska (2007) escreveu:

Anchieta, chegando ao Brasil em 1553, tomou contacto com a cultura indígena, fortemente marcada pela música, pela dança, pelo canto, pelos ritos religiosos. É de acrescentar que à luz da antropologia do teatro os ritos religiosos e os rituais sociais (tanto do quotidiano como da festa) originaram o desenvolvimento do teatro no seu estado primário, sendo, depois, passíveis aos processos de ritualização secundária. Os autos do Padre José de Anchieta constituem um grande monumento da iniciação

6 O período colonial brasileiro foi a fase em que o Brasil foi colonizado e dominado pelos portugueses, ocorrendo entre os anos de 1500 e 1822. A chegada do teatro no Brasil é geralmente atribuída aos jesuítas, que utilizaram o teatro como uma ferramenta para ensinar os princípios do catolicismo aos indígenas e colonos. No entanto, é importante ressaltar que, mesmo antes da colonização, as tribos indígenas já possuíam rituais e manifestações artísticas que se assemelhavam ao que entendemos como teatro, representando histórias, mitos e ritos importantes para suas culturas.

dramática no Brasil. A tabela dos autos anchietanos compreende cerca de vinte peças, escritas e representadas no Brasil, durante o último terço do século XVI. (Kakewska, 2007, p 178).

Embora o teatro jesuíta tenha sido utilizado como meio de impor uma cultura diferente e invisibilizar a cultura dos povos originários, que naquela época era incompreendida e marginalizada, podemos perceber, ao longo da história brasileira, que o teatro também teve potencial para ser usado de maneira oposta. Exemplo disso é apresentado pelo autor Indígena João Nyn (2021) no segundo capítulo do livro *Teatro e Povos Indígenas: Janelas abertas para a possibilidade* intitulado *O Teatro como contracolonização tupy-guarany nhandewa*. Ele apresenta no livro o caso do espetáculo de encenação da “descoberta” da cidade de São Vicente em São Paulo, que é apresentada tradicionalmente há 30 anos. Quando não indígenas passaram a fazer os personagens indígenas, nativos locais decidiram fazer o próprio espetáculo dessa vez levando em consideração a perspectiva indígena. Surge então a peça *MA'E YYRAMÕI - MAR À VYSTA* encenada toda em língua nativa.

Iniciativas como esta são importantes pois geralmente as histórias são contadas pela perspectiva do colonizador, invisibilizando o outro lado dessas histórias. No Brasil infelizmente ainda existe muito preconceito em relação às culturas não europeias, como o caso das culturas indígenas e afro-brasileiras. Sendo assim, é essencial que essas vozes sejam ouvidas e o teatro é um excelente “megafone”. A igreja não está isenta da responsabilidade de trabalhar, a fim de que outras culturas sejam respeitadas e exerçam seu direito de existir. O teatro cristão em minha opinião é uma ferramenta poderosa para debater essas questões na igreja cristã, seja esta evangélica ou católica.

Como afirmou Ismael Coelho (2017), "a arte teatral, aliada à mensagem cristã e à fé, pode ser uma poderosa ferramenta de transformação de vidas e, conseqüentemente, da sociedade". Isso significa que a igreja evangélica através do teatro tem a possibilidade de refletir acerca de várias questões existentes em nossa sociedade, refletir e colaborar para uma sociedade mais democrática e inclusiva, tanto dentro de suas paredes quanto fora delas.

1.3- O teatro cristão e a Igreja Evangélica

A relação do teatro com a Igreja Católica é amplamente conhecida, pois é mencionada em livros como, por exemplo, *A História Mundial do Teatro* de Margot Berthold (2014) e *O que é teatro* de Fernando Peixoto (1980), que contam a história do teatro e é ensinada em cursos que abordam o tema teatral. Portanto, estamos acostumados a associar o teatro cristão à Igreja Católica. No Brasil, o teatro cristão católico também teve uma importância significativa, pois foi através dele que o teatro chegou ao país desde o período de colonização.

A falta de referências bibliográficas que contextualizam a relação do teatro nas igrejas evangélicas no Brasil é uma das principais motivações para a realização desta pesquisa. Com base em minha própria experiência, frequentando ambos os ambientes (igrejas católicas e evangélicas), percebo que o teatro cristão católico, geralmente, é mais conhecido pelo público pelas encenações da Paixão de Cristo. Por outro lado, o Teatro Cristão Evangélico, além de abordar histórias bíblicas, também trata de questões e desafios da vida moderna à luz da fé cristã. As peças teatrais podem abordar temas como família, perdão, esperança, amor ao próximo e superação de desafios. Com isso, não estou dizendo que o teatro dentro da igreja católica não aborde esses temas, mas que, normalmente, é mais conhecido pela comunidade pelas encenações de trechos bíblicos.

A experiência que o teatro propõe ao público tem dimensões sensíveis que estão para além das palavras. Ao utilizar os elementos da linguagem cênica como, por exemplo, a criação de personagens, a elaboração de cenários, figurinos, iluminação e sonoplastia, a Igreja Evangélica tem a oportunidade de sensibilizar a plateia.

A relação entre o teatro e a igreja evangélica é um assunto complexo, que envolve diferentes perspectivas e práticas em todo o mundo. Embora haja diferenças significativas entre as diversas denominações e tradições evangélicas, é possível identificar algumas tendências e abordagens comuns no uso do teatro. É importante lembrar que o teatro tem uma longa história de conexões com a igreja em geral, independentemente da denominação. Desde os tempos medievais, quando as representações teatrais eram frequentemente utilizadas como uma forma de ensinar histórias bíblicas ao público analfabeto, até os dias atuais, o teatro tem sido utilizado como uma ferramenta poderosa para comunicar

mensagens religiosas, promover a reflexão espiritual e despertar emoções.

O Teatro Cristão desempenha um papel importante na evangelização e no trabalho missionário dentro da igreja evangélica. Ao apresentar peças teatrais em eventos evangelísticos em espaços públicos fora da igreja, os artistas missionários têm a oportunidade de alcançar pessoas que talvez nunca tenham entrado em uma igreja, proporcionando-lhes uma experiência cristã através de uma linguagem artística. Da mesma forma, ao realizar apresentações teatrais dentro das igrejas, é possível alcançar pessoas que talvez nunca tenham ido a um teatro, contribuindo para a formação de plateia e oferecendo uma abordagem artística para transmitir a mensagem de Deus.

O teatro é por natureza um trabalho que envolve a coletividade. O processo de criação de uma peça teatral envolve a colaboração de diversos profissionais, como atores, diretores, roteiristas, figurinistas e cenógrafos. Este é um fator interessante que o teatro cristão também desenvolve entre os membros de sua comunidade e utiliza para atingir objetivos que estão para além do produto artístico final. Através dessa colaboração, os artistas missionários têm a oportunidade de desenvolver seus talentos, crescer em sua fé e fortalecer os laços de comunidade dentro da igreja. Além disso, o Teatro Cristão Evangélico pode ser uma forma de encorajar os jovens a se envolverem com a igreja, permitindo-lhes desenvolver seus dons e talentos artísticos. Embora a participação dos jovens na igreja evangélica geralmente ocorra através da música, a arte em geral é uma ferramenta eficaz na evangelização, no trabalho missionário e no fortalecimento da comunidade dentro da igreja.

De fato, a visão do teatro dentro das igrejas evangélicas pode variar consideravelmente. Algumas denominações e congregações evangélicas adotam uma postura mais aberta em relação ao teatro como por exemplo as Igrejas Batistas, Luteranas, Assembleia de Deus e as conhecidas como novas igrejas ou "Church", reconhecendo seu potencial como uma forma de arte que pode transmitir mensagens espirituais e impactar emocionalmente os espectadores. Essas igrejas podem promover a realização de peças teatrais como parte de suas atividades de adoração, evangelismo e ensino. No entanto, outras denominações evangélicas como a Igreja Maranata, Deus é amor, Adventistas do

7º dia e Testemunhas de Jeová podem ter uma abordagem mais conservadora em relação ao teatro. Isso pode ser influenciado por interpretações teológicas específicas, que enfatizam a simplicidade e a centralidade da Palavra de Deus na adoração. Para essas igrejas, o teatro pode ser visto como uma forma de entretenimento que pode desviar o foco da adoração e da mensagem cristã. Nessas circunstâncias, o teatro pode ser desencorajado ou limitado a certos contextos ou eventos específicos.

É importante lembrar que as atitudes em relação ao teatro podem ser moldadas pelas tradições culturais e teológicas de cada igreja evangélica. Portanto, é possível encontrar uma ampla gama de perspectivas e práticas em diferentes comunidades evangélicas ao redor do Brasil. Cada igreja tem a liberdade de decidir como incorporar ou não o teatro em suas atividades e como conciliar essa forma de expressão artística com suas crenças e valores.

Vale ressaltar que muitas igrejas evangélicas têm abraçado o teatro e o uso da arte como uma forma de alcançar e envolver diferentes públicos. Elas reconhecem a capacidade do teatro de criar conexões emocionais e transmitir mensagens de uma forma mais tangível e cativante. Outro fato de destaque neste contexto é que grupos evangélicos podem sofrer preconceitos dentro das próprias igrejas ou fora delas, como é o caso da Cia Nissi, referência no teatro gospel no Brasil. Em sua trajetória, a Cia passou por alguns desafios. Sobre isso, Ismael Coelho (2017) escreveu:

Inicialmente, a companhia era chamada de Jeová Nissi – que em hebraico significa “O Senhor é minha bandeira”, mas depois teve o nome adaptado para Cia de Artes Nissi, pois, segundo Rodrigues (2017), o grupo enfrentou certo preconceito por parte dos teatros tradicionais, uma vez que o grupo foi ampliando sua área de atuação, passando a se apresentar não só em igrejas, mas também em teatros e escolas não cristãs. O nome religioso provocava certa aversão em algumas instituições, e apesar de ter cunho religioso, a Cia não pertence a nenhuma denominação específica (Coelho, 2017, p.51).

A história da Cia Nissi é relevante em vários aspectos, um deles é o exemplo de superação de vários desafios. Hoje, ela está estabelecida como um dos grupos de destaque no cenário brasileiro e internacional, ganhando inclusive premiações importantes, como o Prêmio Bibi Ferreira de Musical Revelação em

2019, com o espetáculo musical *Rua Azusa* (2019). Isso coloca o teatro cristão evangélico em outro patamar e incentiva outros grupos menores ou iniciantes a buscarem capacitação e melhorias.

1.4- Referência do Teatro Evangélico contemporâneo

Conforme o exemplo citado anteriormente, a Cia Nissi é hoje uma grande referência de Teatro Cristão Evangélico no Brasil⁷. Sendo considerado um dos maiores grupos de teatro gospel da América Latina, a Cia Nissi já se apresentou em vários países como Índia, Rússia, Estados Unidos, Inglaterra, entre outros. Além disso, várias companhias como a Cia de Artes Missão, Teatro Corbã e Cia Logus se inspiram no trabalho desenvolvido por eles e participam de seus cursos e workshops a fim de reproduzirem em suas igrejas a mesma qualidade alcançada pela companhia.

A criação da Cia, que ocorreu no ano 2000 em São Paulo, marca uma nova era do teatro cristão no Brasil. Foi a partir da referência de sucesso da companhia que outros grupos foram se sentindo encorajados a profissionalizar o seu fazer teatral. Desde então, cada vez mais grupos evangélicos passaram a buscar formação e técnicas específicas para aperfeiçoarem o seu fazer cênico. Essa busca ajudou a amenizar grande parte dos problemas relacionados aos conhecimentos técnicos do teatro, o que oportunizou a realização de apresentações com mais qualidade cênica. Sobre isso, Leonardo Santos (2013) escreveu:

Dentro do meio cristão, uma das principais discussões acerca da produção teatral sob a ótica da religiosidade, é proveniente do fato de, ainda hoje, haver questionamentos sobre se o teatro sacro deve investir em técnicas teatrais ou apenas continuar seus trabalhos de forma amadora, já que, para aqueles que ainda veem no teatro religioso apenas uma forma de evangelização e catequese, a técnica não seria mais importante do que a unção de Deus. Ainda assim, desde a década de 1990, percebe-se, no Brasil, uma grande mudança neste cenário. Com o surgimento dos primeiros festivais especificamente para este segmento do teatro, de forma concomitante, começou a surgir uma busca cada vez maior pela profissionalização do setor. Muitos profissionais do teatro que participam de alguma religião estão, cada vez mais, encontrando incentivo para desenvolver sua arte como uma forma de atuação religiosa, fazendo com que, cada vez mais, dediquem seus trabalhos e

⁷ Para conhecer a Cia Nissi acesse <http://www.br.cianissi.com/> ou <https://www.youtube.com/@ciajeovanissi>

suas carreiras neste campo (Santos, 2013, p.6).

Com o sucesso alcançado pela Cia Nissi, o público evangélico pôde ter acesso ao teatro profissional, sendo este apresentado dentro das igrejas. Isso representou para muitos o primeiro contato com um teatro desse tipo. O primeiro trabalho desenvolvido pela Cia Nissi, na época Cia Jeová Nissi, foi a peça intitulada *Jardim do Inimigo* (2000). Sobre esse trabalho, Ismael Coelho escreveu:

Devido ao impacto gerado pela peça, em poucos dias o grupo de teatro começou a receber convites para se apresentar em igrejas, congressos, eventos e retiros espirituais. Impressionadas com o enredo, as pessoas diziam que era a primeira vez que alguém ousava expor as mazelas humanas de forma tão aberta na Igreja. Em pouco tempo, o grupo se tornou referência de teatro gospel no Brasil. (Coelho, 2017, p. 47).

A Cia Nissi possui um espaço cultural em Campinas, onde oferece formação para todas as idades. Entre os cursos, podemos destacar cursos de teatro básico e intermediário, técnica vocal, interpretação musical, interpretação para cinema, processo criativo, entre outros. Um dos objetivos do grupo é levar tais cursos para lugares onde a população local não tem acesso.

Outro projeto fundado e mantido pela Cia é o Aldeia Nissi, iniciado em 2014 na província de Bié, na cidade de Kuito, em Angola. A Escola Sebastiana Garcia, em homenagem à avó do fundador da Cia, oferece educação, alimentação e assistência básica, social e médica às crianças e famílias da região, por meio do trabalho de voluntários especializados. Os números divulgados no site⁸ relacionados ao projeto são expressivos: 1200 crianças atendidas, cerca de 300 famílias assistidas, geração de 58 empregos diretos, 770 crianças matriculadas no Ensino Infantil, 365 no Ensino Fundamental, 110 jovens matriculados no Ensino Médio, 4200 refeições diárias, entre outros.

Um dos projetos mais conhecidos da Cia Nissi é o Encontrart, um congresso de artes que teve início em 2006. Durante uma semana, são oferecidos diversos cursos de diferentes modalidades artísticas. Segundo Junia Almeida, supervisora de agendamentos da Cia, o Encontrart surgiu da necessidade de treinar a igreja para fazer arte com excelência:

Com tantos talentos, era inadmissível ter Jesus vestido de lençol ou TNT.

8 <http://www.br.cianissi.com/projetos/aldeia-nissi>

Então sempre trouxemos os melhores professores, dentro de cada área, para capacitar os artistas cristãos. O curso, no entanto, é aberto ao público em geral, independente da religião. Mas ele surgiu realmente pra capacitar a igreja (Almeida, 2017. p. 100).

Conforme mencionado anteriormente, a criação da Cia Nissi foi um marco na forma de se fazer teatro nas igrejas evangélicas no Brasil. No estado do Espírito Santo, existem grupos cristãos profissionais, como a Cia de Artes Missão, o grupo Corbã e a Cia Logus, que se inspiraram nas técnicas e no modelo da Cia Nissi. A partir dessa inspiração, esses grupos desenvolveram seus próprios processos criativos.

Figura 1: Peça O Jardim do Inimigo (2000). Primeiro trabalho da Cia Nissi.



Fonte: <http://modinhabela.blogspot.com.br/2017/08/peca-o-jardim-do-inimigo.html>
Acesso em 05 de jul. 2023.

Figura 2: Caíque Oliveira. Fundador da Cia Nissi interpretando o personagem principal da peça O Jardim do Inimigo (2000)



. Fonte: <http://modinhabela.blogspot.com.br/2017/08/peca-o-jardim-do-inimigo.html>
Acesso em 05 de jul. 2023.

1.5- O Teatro Cristão evangélico e a formação de plateia

O teatro cristão evangélico não se resume apenas à evangelização,

suas possibilidades são diversas. De acordo com Ismael Coelho (2017), o teatro realizado na igreja, especialmente pela Cia Nissi, contribui para a compreensão das pessoas como seres sociais. O Evangelho de Jesus Cristo, principal temática da companhia, vai além de rituais e dogmas, tornando-se um estilo de vida para aqueles que o praticam. Isso influencia as formas de convívio e as relações sociais (Coelho, 2017, p.57). Sobre o poder transformador do teatro como linguagem artística, Fernando Peixoto escreveu:

Isoladamente, é claro que [o teatro] é impotente para provocar modificações ou despertar resultados sociopolíticos marcantes. Mas o palco, ou seja qual for o espaço de representação, estabelece, em nível de razão e emoção, uma reflexão e um diálogo vivo e revelador com a plateia, ou seja qual for o espaço dos espectadores. Incapaz de agir diretamente no processo de transformação social, age diretamente sobre os homens, que são os verdadeiros agentes da construção da vida social. (Peixoto, 1981, p. 12-13).

A igreja é um ambiente onde as pessoas, na maioria dos casos, estão em constante busca de aprimoramento pessoal, levando em consideração os ensinamentos deixados por Jesus. Esse ambiente também exerce influência ativa sobre os comportamentos. Muitas vezes, pessoas que não frequentam teatros tradicionais têm a ideia de que esses espaços não estão acessíveis por não fazerem parte de seu círculo social, e as peças cristãs acabam sendo seu primeiro contato com a linguagem teatral. Acredito que isso contribui, mesmo que inconscientemente, para a formação de plateia e serve como porta de entrada para os teatros tradicionais. Agora em contato com essa forma de expressão artística que antes parecia distante da realidade, as pessoas podem se sentir mais confiantes e curiosas em conhecer mais sobre essa manifestação artística e podem passar a frequentar ambientes culturais onde o teatro tradicional, não necessariamente cristão, é realizado.

Sobre a formação de plateia, o autor Flávio Desgranges (2003), em seu livro intitulado *A pedagogia do espectador*, contextualiza as práticas adotadas por artistas e educadores de vários países, cuja intenção era ampliar social e geograficamente o público do teatro. Segundo ele, nos anos de 1960 até meados dos anos 70, vários artistas e educadores implementaram atividades artístico-

culturais que incluíam apresentações de espetáculos teatrais em ruas, metrô, praças, bares e outros lugares pouco usuais, além de oficinas de teatro em escolas e universidades e a promoção de festivais de arte.

Os agentes culturais de então almejavam estreitar relacionamento com uma parcela do público que se encontrava fora do circuito comercial de arte, articulando uma luta para abrir as instituições culturais a todos, bem como para levar espetáculos teatrais e promover práticas artísticas, tanto em localidades distantes dos centros urbanos, quanto nos mais diferentes espaços: fábricas, sindicatos, igrejas, escolas, universidades, empresas e hospitais. As atividades aplicadas tinham, por vezes, o objetivo de rever as relações sociais existentes na comunidade ou no interior das próprias instituições onde acontecia o evento. (Desgranges, 2003, p. 46).

Acredito que é possível identificar o potencial democratizador da arte que o autor descreve no teatro desenvolvido nas igrejas evangélicas. Por ser um espaço frequentado por vários perfis com níveis socioeconômicos e culturais diferentes, a igreja também pode levar o teatro onde geralmente não seria possível. Assim, o teatro cristão pode alcançar um público diversificado, promovendo a inclusão e tornando o teatro mais acessível para todos, aproveitando inclusive de sua potencialidade de desconstruir padrões de preconceitos existentes em nossa sociedade.

Desgranges (2003) afirma também que durante os anos 60 e 70, as crianças eram os alvos prediletos das ações que tinham como objetivo a renovação do público teatral. Nesse período, o “teatro para crianças” fez muito sucesso, principalmente em países da Europa, como França, Bélgica, Espanha e Portugal, e também teve grande expansão em países como Estados Unidos, Austrália e Brasil. Ainda segundo o autor:

“(..) as companhias que produziam teatro para crianças acreditavam que, ao formarem espectadores infantis, estariam preparando os espectadores do futuro, que, ao se tornarem adultos, estariam capacitados a ditar os novos rumos dessa arte e, futuramente, resolveriam a questão do esvaziamento das salas, pois já estariam habituados a frequentar os teatros” (Desgranges. 2003 p. 48).

É provável que as crianças, que já possuem acesso ao teatro, estejam mais propícias a continuar ocupando esses espaços futuramente quando adultas, mas acredito que a formação de plateia não deva se limitar somente a esse público, pois a escassez do espectador teatral é um problema dos dias atuais. Os serviços

de Streaming⁹ e acesso a vários conteúdos na internet têm sido bastante utilizados atualmente, o que pode ser um fator que colabora com a falta de interesse no teatro. Portanto, outras estratégias podem ser realizadas a fim de ampliar a relação das pessoas com o teatro.

Um aspecto comum entre os gêneros teatrais infantil e cristão é a maneira como são vistos pela sociedade em geral, como um teatro menor ou não profissional. Desgranges em 2003, ao falar sobre o teatro infantil, diz que:

“(...)os espetáculos oferecidos a esse público continuam sendo considerados práticas marginais, produtos artísticos de linguagem específica, não participando efetivamente do movimento teatral global”. Ele completa dizendo que “a concepção infantilizada que temos do teatro feito para crianças reflete a visão de infância estabelecida por nossas sociedades, que enxergam a criança como um ser incompleto, alguém em processo de aperfeiçoamento”. (Desgranges. 2003 p. 87).

As companhias de teatro cristão evangélico que surgiram após os anos 2000, como a Cia Nissi, mostram que o teatro dentro das igrejas pode ser profissional e estar no mesmo nível, ou até mais capacitado, do que muitas companhias de teatro tradicionais. O fato de uma companhia de teatro cristão, como a Cia Nissi, ter ganhado o prêmio Bibi Ferreira de Musical Revelação, um prêmio tão importante no Brasil disputado por várias produções, demonstra que a ideia de que o teatro cristão é menor ou amador está completamente ultrapassada. No próximo capítulo, discutiremos mais detalhadamente o universo do teatro na igreja evangélica, a partir da experiência de uma das companhias mencionadas anteriormente, a Cia de Artes Logus, que tem se destacado no cenário capixaba e brasileiro de teatro cristão.

9 Streaming é a tecnologia instantânea que permite assistir a vídeos e escutar música sem a necessidade de download. Ou seja, a transmissão de dados de áudio ou vídeo é feita em tempo real do servidor para o dispositivo, como celular, notebook ou smart TV

Capítulo 2 – O potencial estético e de mobilização da cia logus

No segundo capítulo deste trabalho, irei explorar o potencial estético e de mobilização da Cia Logus, uma companhia teatral Capixaba que tem se destacado no cenário do Teatro Cristão Evangélico brasileiro. Inicialmente, abordarei o chamado missionário que impulsiona a atuação da Cia Logus, investigando como a missão de transmitir valores cristãos e despertar reflexões espirituais se manifesta em seu trabalho teatral. Em seguida, analisarei o processo criativo da companhia, examinando como o processo criativo da criação dos espetáculos pode trazer aprendizados que vão além da evangelização. Apresentarei também os projetos, as produções e ações desenvolvidas pela Cia Logus, buscando compreender como a companhia busca ampliar seu alcance e impacto, através de apresentações em teatros, festivais, igrejas e eventos culturais. Por fim, investigarei a relação da companhia com a comunidade, explorando como a Cia Logus se engaja com seu público, promove a interação e o diálogo, e busca atender às necessidades e anseios daqueles que são impactados por suas produções teatrais.

2.1 - Cia Logus e o chamado missionário

Fundada em 2019 na cidade de Vitória, no estado do Espírito Santo, por André Loureiro e Lexandra Loureiro, a Cia Logus é uma companhia teatral missionária que visa pregar o amor de Deus, a paz e a salvação em Cristo através da arte, utilizando o teatro como ferramenta para levar o evangelho das boas novas a todas as pessoas que alcançarem. Tendo como função principal propagar o amor de Deus por onde passam, seus fundadores já possuíam experiência nesse modelo de trabalho missionário desde 2013, quando abriram mão de seus empregos e partiram para um trabalho voluntário como artistas missionários na extinta Cia de Artes Missão, permanecendo nela por seis anos. Em 2019 resolveram seguir novos propósitos de vida e criar uma nova companhia.

Logus significa palavra em latim, e este nome reforça um dos principais propósitos da companhia, que é levar a palavra de Deus ao seu público. Isso é

feito sempre de forma dinâmica, com personagens que provocam a identificação, seja de um público acostumado com a linguagem teatral ou daqueles que têm na companhia o seu primeiro contato com o teatro. Desde a sua fundação até os dias atuais (novembro de 2023), já passaram mais de vinte integrantes pela Cia, que atualmente conta com seis missionários em tempo integral: André Loureiro¹⁰ na direção geral teatral e atuação, Lexandra Loureiro na direção administrativa, Raphael Ph na atuação e direção de marcação cênica, Erica Brasil e Thais Martins na atuação e Hugo Vinicius que está, atualmente, aprendendo sobre a companhia.

A Cia Logus não dispõe de mantenedores ou patrocinadores, sendo todas as despesas da companhia, como aluguel, alimentação e passagens, pagas pelos valores arrecadados por meio de contribuições espontâneas de conhecidos, igrejas, ajuda de custo oferecida pelas igrejas onde se apresentam, vendas de itens após as apresentações e valores provenientes de cursos e workshops esporádicos. Devido à ausência de uma renda fixa que viabilize a contratação de pessoal de limpeza, as tarefas domésticas na sede são distribuídas entre os próprios integrantes, designados em duplas, conciliando essas responsabilidades com os ensaios e apresentações regulares.

A sede da companhia, situada no Bairro Tabuazeiro em Vitória, ocupa um espaço alugado custeado também pelas produções da Cia. É nesse local que todos os artistas missionários residem e realizam ensaios diários, com uma duração média de 4 a 5 horas, exceto quando estão em viagem. Importante notar que todos os missionários da companhia desempenham suas atividades de maneira voluntária, não recebendo salário fixo durante o período em que estão vinculados à Cia.

O recebimento de novos missionários voluntários na Cia Logus acontece por meio de processo seletivo, geralmente divulgado nas redes sociais, contendo um link que dá acesso diretamente ao contato via WhatsApp da diretora administrativa do grupo. Através de uma conversa inicial e realização de algumas perguntas, ela avalia se aquela pessoa está apta a participar do processo. A pessoa, sendo pré-aprovada nessa primeira conversa, recebe o edital contendo todas as informações necessárias, bem como as etapas de participação do

¹⁰ A utilização dos nomes reais dos integrantes da companhia nesta pesquisa foi autorizada por eles por meio de documento assinado conforme modelo que consta nos apêndices.

processo e as atribuições do missionário na companhia. Após ler o edital, a pessoa decide se continuará no processo. Caso decida prosseguir, envia uma mensagem para a diretora administrativa dizendo "ativa no processo seletivo" e é encaminhada para o diretor geral teatral para fazer uma avaliação técnica, que pode ser virtual ou presencial, dependendo do estado em que a pessoa reside. Quando a pessoa mora no estado do Espírito Santo, a avaliação técnica ocorre de maneira presencial; residindo em outros estados, essa etapa acontece de maneira virtual.

Figura 3 - Cartaz de divulgação de processo seletivo da Cia Logus



Fonte: Página do da Cia Logus¹¹ no Instagram

Por fim, entra em cena a etapa de interação com a família do participante, incluindo uma conversa com o pastor da igreja frequentada por este indivíduo. Durante esse contato, a companhia se apresenta aos familiares e busca compreender a perspectiva da família em relação à decisão do seu ente querido de se tornar um missionário em tempo integral. O pastor desempenha um papel crucial ao autorizar o afastamento do membro e concordar com a decisão tomada por este. Em determinadas situações, a companhia pode contar com a colaboração de uma psicóloga, que realiza uma consulta ou avaliação psicológica

¹¹ Endereço da página: <https://www.instagram.com/cialogus/>

com os participantes do processo. Ressalta-se que a ocorrência desse procedimento não é sistemática, pois está condicionada à disponibilidade de agenda da profissional, que nem sempre consegue agendar consultas durante o período de seleção devido a conflitos de horários.

Como requisitos principais de participação no processo seletivo, a pessoa interessada deve ser maior de idade, membro ativo de uma igreja cristã evangélica (qualquer denominação¹²), disponibilidade para morar em Vitória – ES, disponibilidade para viagens e possuir algum conhecimento em teatro, dança e canto.

Atualmente, a Cia Logus representa a única companhia missionária no estado do Espírito Santo que adota uma abordagem 100% integral. Isso implica que todos os artistas missionários vinculados à companhia se dedicam exclusivamente a suas atividades e residem nas instalações da sede da organização. A Companhia já efetuou apresentações em diversas cidades do estado do Espírito Santo, bem como em localidades fora deste, incluindo Minas Gerais, Rio de Janeiro e São Paulo. Para o ano de 2024, a companhia tem a intenção de ampliar suas turnês para estados situados em outras regiões do Brasil, particularmente nas regiões Norte e Nordeste. Em média, a Cia Logus realiza aproximadamente 15 apresentações mensais, ocasionalmente chegando a realizar até três apresentações em um mesmo dia, em circunstâncias atípicas, nas quais a logística permitia ou quando uma única igreja promovia mais de um culto diário.

Com uma rotina intensa, envolvendo muitas viagens, ensaios e apresentações mensais, a vida de um ator ou atriz missionário(a) é muito corrida. Ao questionar os integrantes da Cia sobre as motivações para realizarem esse trabalho apesar de toda essa correria, variadas respostas foram dadas. No entanto, há algo em comum entre essas respostas: o chamado missionário. Esse chamado pode ocorrer de maneiras semelhantes entre um integrante e outro, como sentir-se tocado ao assistir uma peça de teatro cristão, ou de maneira muito particular em uma conversa com Deus, a pessoa sente que Deus está apontando esse caminho. A partir daí, essa pessoa toma a decisão de abrir mão de um

¹² Como a Cia Logus não está vinculada a uma igreja específica, seus integrantes possuem vínculos com igrejas de variadas denominações cristãs evangélicas.

trabalho de remuneração fixa para trabalhar de maneira voluntária, muda de estado e passa a viver longe da família, a fim de cumprir uma missão que, a partir de agora, é tida como propósito de vida.

Sobre seu chamado missionário, André Loureiro, um dos fundadores da Cia Logus, disse:

"Eu estava no Teatro Carlos Gomes, e a Cia Jeová Nissi estava apresentando a peça 'Jardim do Inimigo'. Eu estava assistindo à peça pela terceira vez, e na hora da ministração do Caique, que era o ator principal, eu senti que Deus havia me chamado. Minha vontade era de largar tudo e ir com eles. Mas aí Deus falou que eu precisava implantar algo aqui no Espírito Santo, onde não tinha" (entrevista realizada no dia 24 de outubro de 2023).

Após essa experiência, em 2013, André Loureiro, juntamente com Renan Maia, fundou a primeira Cia de artes missionária do Espírito Santo, chamada Cia de Artes Missão, mencionada anteriormente. Nesse período, a única referência de teatro cristão que eles tinham era a Cia Jeová Nissi, que hoje usa o nome Cia Nissi e foi a precursora desse teatro cristão evangélico profissional no Brasil. No Espírito Santo, não existiam cursos de teatro cristão nem literatura específica. As referências teóricas dos integrantes da Cia Missão e agora da Cia Logus eram os livros e cursos de teatro em contextos não cristãos, e ao longo do tempo, eles foram adaptando os conteúdos aprendidos às necessidades que tinham na Companhia.

Atualmente, a ausência de cursos específicos de teatro cristão persiste como uma realidade no estado do Espírito Santo, assim como em grande parte dos estados brasileiros. A Cia Logus, em resposta a essa lacuna, concebeu e implementou um curso dedicado a esse público, ministrado em suas instalações. Nesse programa, a companhia compartilha com os alunos suas próprias experiências e conhecimentos adquiridos ao longo dos anos, possivelmente representando a única iniciativa educacional com esse enfoque no estado. Detalhes sobre este curso serão abordados posteriormente.

Ao longo do tempo, a Cia Logus foi criando sua própria identidade e maneira de fazer teatro cristão. Passaram, então, a realizar trabalhos que atendessem aos espaços físicos encontrados durante as apresentações nas igrejas, levando para seu trabalho recursos e marcações cênicas que fossem possíveis de apresentar em variados "palcos" e de maneira que o público

conseguisse entender a mensagem que desejavam transmitir. Os textos são todos autorais e são escritos já pensando nessas dinâmicas. Um diferencial da Cia em relação a outras companhias cristãs e peças realizadas em igrejas são os personagens que se aproximam muito do cotidiano. Isso faz com que o público se veja em cena e consiga refletir sobre o que se passa no palco, trazendo para a sua própria realidade e necessidades.

Apesar de ainda haver muita resistência em algumas denominações evangélicas em relação ao teatro, a Cia Logus tem conquistado cada vez mais espaços nas igrejas brasileiras. As redes sociais¹³, canal onde as igrejas podem acessar e conhecer um pouco do trabalho deles, e o famoso "boca a boca" têm contribuído para que cada vez mais igrejas abram suas portas para este tipo de evangelização. A qualidade com que a Cia trabalha faz com que as igrejas os convidem novamente para apresentar outros trabalhos e ajudem na divulgação. Sobre os trabalhos, falaremos mais à frente.

Ao conhecer o trabalho da Cia Logus, percebe-se que a linguagem teatral é muito bem executada, ainda que fazer arte não seja o objetivo principal da companhia. Segundo eles, a arte é apenas a ferramenta para alcançar o objetivo final, que é levar a palavra de Deus para as pessoas. A Cia tem consciência de que é uma criadora de arte e, por isso, realiza o trabalho de pesquisa em teatro, explorando os elementos que o compõem. Eles experimentam recursos paraincluí-los em seu trabalho e enriquecer a experiência do público, sempre com o entendimento de que o objetivo deles não é apenas fazer arte. Reforçam que o que fazem não é para se destacarem, mas para apresentar os ensinamentos de Cristo.

Por ser um grupo missionário, muitas pessoas interessadas em entrar para a companhia não têm ideia da responsabilidade e do quanto é difícil fazer teatro. Seja ele cristão ou não, o teatro exige muito, e muitas pessoas realmente não dão conta. Isso também acontece na companhia, que, por diversos motivos, enfrenta o desafio e a dificuldade de consolidar uma equipe que dure por muito tempo. Nos quase cinco anos de trabalho missionário, muitas pessoas já passaram por lá. Isso, de certa forma, acaba atrapalhando o processo, pois toda substituição exige

13 Página na rede social Instagram: @Cialogus

retrabalho, volta nos ensaios, às vezes cancelamento de agendas, mudança da rotina e novos desafios de convivência.

2.2 – Processo Criativo: A experiência na criação dos espetáculos

Na Cia Logus, todas as peças são autorais, e as histórias sempre são envolvidas com algum tema principal, como perdão, relação familiar, ganância, ambição e outros temas secundários que são trabalhados na trama. Essas histórias costumam ter personagens reais do cotidiano, como primos, irmãos, pai e filhos, etc. Os textos não reproduzem fielmente uma história bíblica, mas na maioria das vezes a peça possui inspiração em uma dessas histórias ou versículos.

Outro elemento presente em todas as peças é a música com coreografias. As músicas são escritas por parceiros externos da companhia, que seguem as orientações do autor. Geralmente, o autor oferece algumas palavras-chave, o ritmo desejado e a duração aproximada da música. Após a criação das músicas, avanço nos ensaios e textos decorados, é gravada a trilha, que também possui uma particularidade.

A maneira como a Cia realiza a trilha durante a apresentação é um diferencial adquirido a partir da necessidade encontrada no dia a dia. Como não possuem um sonoplasta, e muitas igrejas não possuem equipamentos adequados, a Cia cria a trilha em uma única faixa, contendo os variados efeitos sonoros e playbacks das canções, cantadas ao vivo pelos atores em cena. No início da peça, o pessoal de apoio dá o play, e a mesma trilha rola até o final. O alinhamento da trilha com as falas é realizado durante os ensaios. Para um ator não habituado a esse tipo de trilha, pode ser um pouco desafiador imaginar isso na prática, mas a Cia informou que nunca tiveram grandes problemas sobre essa questão e tem funcionado muito bem durante o tempo que trabalham assim. Sobre essa prática, uma das dificuldades levantadas pelo grupo é quando a trilha já está gravada e alinhada com os atores, e há uma substituição. O novo ator ou atriz precisará falar o texto na mesma velocidade e cantar no mesmo tom do ator anterior, que serviu como base para a gravação da trilha, o que às vezes pode ser um trabalho difícil

de alcançar.

Outra característica sempre presente nas peças da Cia Logus, que foi uma adaptação levando em consideração os espaços físicos nas igrejas, que variam muito, é a quantidade de personagens em cena - no máximo três. Uma vez que eles entram em cena, permanecem até o final; não há entradas e saídas de personagens, como na maioria das peças que vemos nos teatros. Além disso, como muitas igrejas não possuem uma acústica favorável para o teatro, para resolver isso, geralmente colocam pedestais com microfones na frente do palco para captar um pouco das vozes. Sendo assim, a marcação cênica também leva sempre em consideração a posição dos microfones para facilitar a comunicação entre atores e público. Essa questão também influencia o trabalho vocal dos atores da Cia, que acaba sendo algo mais empostado e limitando nuances que enriqueceriam mais as cenas.

Figura 4: Representação da encenação da peça intitulada "Ofensa", na qual se observa a disposição de pedestais equipados com microfones para otimização da qualidade



Fonte: Página da Cia Logus no Instagram

O cenário é o mais básico possível, tendo em vista a falta de recursos para transportá-los nas turnês. Toda igreja, ao fechar uma agenda com a companhia, recebe um checklist com alguns itens que deverá providenciar para ajudar a compor o cenário, como cadeiras, por exemplo, ou algum outro elemento cênico

difícil de ser transportado. Um cenário mais elaborado é providenciado apenas na estreia da peça, realizada em Vitória, quando gravam o teaser de divulgação. Muitas vezes, os elementos do cenário não são levados nas viagens devido a esse problema de logística e recurso financeiro. Em contrapartida, os figurinos, sempre muito bem pensados e chamativos, feitos sob medida, fazem muita diferença e tiram o foco da falta de cenários mais elaborados.

A maquiagem dos personagens, mesmo estes sendo "pessoas comuns" do dia a dia, é rebuscada e, às vezes, imita máscaras. A concepção da maquiagem é realizada por Lexandra Loureiro, que desenvolve o conceito e realiza testes sempre após os ensaios já estarem avançados e os personagens bem definidos pelos atores. Então, ela assiste e cria a ideia da maquiagem, sempre pensando em algo que complemente algum traço da personalidade e dialogue com o figurino. Lexandra também oferece workshops de maquiagem artística vez ou outra para o público geral interessado.

Figura 5: Maquiagens da peça *Ofensa*



Fonte: Página da Cia Logus no Instagram

Os ensaios da companhia acontecem todos os dias na parte da tarde e duram, em média, 4 ou 5 horas. Quando o trabalho é novo, eles trabalham com metas; por exemplo, a cada dia precisam chegar no ensaio com duas páginas de texto decorado e ficam trabalhando essas duas páginas naquele dia, seguindo assim até avançarem para todo o texto. Na parte da noite, caso não haja necessidade de estender o ensaio de alguma cena específica, cada ator e atriz fica responsável por estudar individualmente sobre seu personagem, técnicas vocais, decorar texto, etc. Pela manhã, descansam e realizam as tarefas

domésticas, se for o seu dia no revezamento realizado em duplas. A dupla do dia fica responsável pelo preparo do café da manhã e almoço, limpeza da cozinha pós-almoço e, à tarde, depois do ensaio, preparar o café da tarde e o jantar.

Conforme a peça estreia e avança nas apresentações, a rotina de ensaios diminui até não ser mais necessária. Em raros casos, ocorrem ensaios durante as turnês, como no caso de substituição de algum ator ou atriz. Geralmente, o tempo de ensaio até a peça estar pronta para estrear é de um mês, seguindo essa rotina de ensaio diário. O maior período que a companhia já gastou ensaiando uma peça foi de cinco meses; nesse caso específico, houve substituição de atores. Após a peça estar pronta para apresentar, com tudo já definido, a equipe de comunicação começa a entrar em contato com as igrejas, realizando os agendamentos, passando os checklists das coisas que precisam ser providenciadas, como alimentação e materiais de cenário, e resolvendo toda a parte burocrática.

Os palcos nos quais a companhia se apresenta são os altares das igrejas, que não possuem uma padronização; ou seja, algumas igrejas terão um espaço enorme, enquanto outras terão um espaço minúsculo. A Cia então se adapta a essas realidades. Às vezes, acontece de terem que acelerar ou diminuir os passos para sincronizarem com a trilha, como foi o exemplo dado pela atriz missionária Erica Brasil. Ela conta que em determinada cena, onde a marcação dela seria andar de uma ponta para a outra do palco, em algumas igrejas ela precisa quase correr, e em outras, fazer bem devagar, pois, caso contrário, não dá para sincronizar o movimento com a trilha.

2.3 – Projetos, produções e ações da Companhia

Durante esses quase cinco anos de atividades, a Cia Logus já produziu seis peças autorais encenadas pela companhia. São elas: *Migalhas* (2019), *Tempos de Dor* (2020), *O Carpinteiro* (2021), *Kairós* (2021), *Herança* (2021) e *Ofensa* (2022). Algumas dessas foram criadas durante o período da pandemia da Covid-19 para serem apresentadas via lives no YouTube. Essa foi uma forma que a companhia encontrou para permanecer em atividade e conseguir doações via Pix para custear as despesas.

Dessas peças das lives, *O Carpinteiro* teve muitos pedidos, passou por melhorias e passou a integrar o repertório de peças presenciais nas turnês dentro e fora do Espírito Santo. Outra curiosidade sobre essas peças é que *Kairós* foi a única peça da Cia com quatro atores em cena. A maioria conta com três atores, e a primeira *Migalhas*, que também foi escrita para três atores, durante o processo de montagem passou por reformulação e contou apenas com dois atores em cena.

Figura 06: Imagens de divulgação das peças produzidas em ordem cronológica



Fonte: Página da Cia Logus no Instagram

Além das peças encenadas pela própria Companhia, ela também já produziu alguns musicais em parcerias com igrejas da Grande Vitória, onde, além de escrever, eram responsáveis pela direção, coreografias, seleção e preparação de elenco. Alguns dos musicais incluem *Dracma Corrompida* (2019), *Reinado de Sabaoth* (2020) e *Um Natal Generoso* (2021) em parceria com a igreja Assembleia de Deus Fonte de Vida em Vitória. Na igreja Batista Atitude em Vitória, foram apresentados musicais como *A Jornada* (2021), *Verdadeiramente Livres* (2020), entre outros.

Atualmente, a Cia oferece um curso livre de Teatro Cristão, onde são proporcionados exercícios práticos de atuação, técnicas vocais, exercícios

corporais e maquiagem artística. As aulas acontecem aos sábados pela manhã na sede da Companhia. A duração da primeira turma é de dez meses e finaliza em dezembro. Além disso, a Cia já ofereceu diversos workshops pelas igrejas onde se apresentam, contribuindo tanto para a formação de novos artistas cristãos quanto como fonte de renda para os integrantes da Companhia.

2.4 – A Companhia e a Comunidade

Sediada na região da Grande Maruípe, em Vitória, a Cia Logus está localizada entre bairros carentes, onde muitos moradores encontram-se em situação de vulnerabilidade social. A arte teatral cristã contribui para a formação humana, inserindo em suas peças situações e conflitos do cotidiano, o que faz com que o público possa refletir sobre sua própria história. Independentemente da questão religiosa, qualquer pessoa de qualquer religião que assista a uma das peças da Cia Logus poderá identificar na encenação algo que pode fazer parte do seu dia a dia. Nesse ponto de vista, a comunidade em geral parece se beneficiar com a presença da Cia Logus, pois a partir dela muitos terão a oportunidade de conhecer a linguagem teatral e, a partir desse primeiro contato, os sujeitos poderão buscar novos espaços onde o teatro é oferecido ou até mesmo realizar o curso na Cia, caso tenham interesse.

Os integrantes relataram algumas situações ocorridas com a vizinhança provocadas pela movimentação na sede. Contaram-me que uma das vizinhas, ao ouvir as músicas durante um dos ensaios, abriu todas as janelas de casa para que aquele som entrasse. Outra brincou que já poderia fazer parte da companhia, pois decorou todas as falas ouvindo os ensaios e lembrou do pai dela, que era ator. Outros vizinhos abordam os integrantes perguntando sobre as datas de apresentações que ocorrerão pela região e sempre demonstram interesse em assistir, pois é algo que não é muito comum na área onde moram.

Sobre a comunidade evangélica, a Cia relatou em entrevista coletiva, realizada no dia 24 de outubro de 2023, que muitas pessoas que assistem, após as apresentações, compartilham com os integrantes algumas impressões. Algumas dizem que não imaginavam que teatro era algo tão legal. Muitos

demonstram interesse em conhecer mais sobre o trabalho e perguntam sobre outros espaços e teatros pela cidade. De modo geral, as pessoas costumam ficar encantadas com o que assistem, o que é muito importante para a formação de plateia dos teatros de modo geral.

No estado do Espírito Santo, hoje começamos a ver mais as escolas levando os alunos aos teatros; no entanto, ainda são poucos os projetos que trabalham com este público. Muitos adultos de hoje não foram incentivados quando crianças a irem ao teatro, ou seja, é um local totalmente desconhecido para muitos. Assim, acredito que o teatro cristão pode contribuir para a aproximação do teatro com esse público que não se via frequentando os teatros da cidade e agora começam a conhecer um pouco mais desse universo. Em alguns casos, o fator financeiro também contribui para o afastamento das pessoas aos teatros; por mais baratos que os ingressos possam ser, muitas famílias da Grande Vitória não teriam condições de pagar. Por isso, os teatros nas igrejas de forma gratuita e os festivais de teatros promovidos pelas cidades são muito importantes. Sobre isso, o artista missionário Raphael Ph disse: "Em alguns casos que apresentamos em locais que cobraram ingressos para a comunidade assistir nossa peça, o público não é o mesmo; a quantidade é bem menor do que quando é gratuito."(entrevista realizada no dia 24 de outubro de 2023).

Assim como a Cia Nissi contribuiu de alguma forma para que André Loureiro (fundador da Cia Logus) fosse trabalhar com teatro cristão, a Cia Logus também está plantando suas sementes e incentivando a criação de grupos teatrais nas igrejas. Um exemplo é o grupo ARTE-TCC, que foi criado após os integrantes participarem de um Workshop oferecido pela Cia e assistirem a uma de suas peças. Essa busca por capacitação está cada vez mais comum quando se trata de teatro cristão, que muitas vezes acabava sendo feito de maneira rápida e sem muitos ensaios, originando o termo "teatrinho de igreja", ou seja, um teatro feito de qualquer jeito e sem qualidade, que acabava virando motivo de chacota.

Outro depoimento muito interessante é o da atriz missionária Thais Martins, que assistiu a um espetáculo da Companhia antiga em que André e Lexandra participavam anos atrás, quando ela tinha apenas 13 anos. A peça marcou tanto a vida dela que ela nunca mais esqueceu. Alguns anos depois, já como Cia Logus,

eles retornaram à igreja onde ela frequentava. Na ocasião, ela lembrou do rosto de André, procurou-o após a apresentação para conhecer um pouco melhor daquilo tudo e foi convidada para realizar testes para entrar para a Cia. Hoje ela é uma das missionárias em tempo integral. Em uma parte do depoimento, ela diz:

"Eu fiquei encantada desde a primeira música, quando eles começaram, figurino, maquiagem, eu fiquei encantada e aquela peça me marcou muito. Eu cheguei em casa e contei tudo pra minha mãe. Então foi muito marcante pra mim, e foi muito bom ver essa possibilidade, porque eu sempre gostei muito da área da arte, só que eu fui criada numa Assembleia mais tradicional e não via onde eu ia executar isso que eu gostava tanto. Eu sentia que tinha uma vocação para isso, mas que não tinha esse espaço para mim. Então, vê-los ali apresentando eu pensei: Caramba! Eu consigo conciliar o que eu gosto de fazer com o meu chamado e consigo ministrar em igrejas e não preciso ir pro mundo para ter essa oportunidade." (entrevista realizada no dia 24 de outubro de 2023).

O depoimento da Thais me fez lembrar da primeira experiência que eu tive assistindo a um teatro cristão evangélico profissional. A qualidade dos elementos cênicos, as interpretações naturalistas e o humor presentes na peça me fizeram repensar a relação entre teatro e igreja, percebendo que existiam outras possibilidades de abordar o teatro nesse contexto, além dos autos e representações de histórias bíblicas. Esse mercado tem crescido consideravelmente, ganhando cada vez mais espaço. Essa evolução é crucial, uma vez que os artistas cristãos evangélicos têm muito a oferecer e podem contribuir significativamente para a formação de plateia em teatros, que, por sua vez, estão cada vez mais vazios e negligenciados.

Minhas experiências e parcerias com a Cia Logus em dois trabalhos, *Migalhas* (2019) e *Dracma Corrompida* (2019), proporcionaram um aprofundamento no conhecimento do mercado de teatro cristão evangélico. Desde então, senti a necessidade de pesquisar mais sobre essa parte da história do teatro brasileiro, que ainda é pouco conhecida e carece de registros nos livros.

Considerações Finais

Esta pesquisa buscou investigar o potencial estético e de mobilização da Companhia Logus e o lugar do teatro na Igreja Evangélica brasileira contemporânea a partir da experiência dessa companhia. Com esse propósito, as

seguintes questões foram abordadas: (1) De acordo com os integrantes e com a comunidade, o trabalho teatral realizado pela Cia Logus exerce um papel que vai além da evangelização? (2) Qual a relação da Companhia Logus com a comunidade local não religiosa? (3) A Cia possui planos ou projetos de participar de festivais de teatro, sejam eles cristãos ou tradicionais? (4) Entre os integrantes da Logus, há um consenso sobre o papel do teatro na igreja? (5) De que maneira a democratização do acesso ao teatro, que pode ocorrer nas igrejas por onde a Cia passa, contribui para a formação de público para teatros fora do ambiente religioso?

As respostas às indagações propostas emergiram predominantemente durante a entrevista conduzida com os integrantes da Companhia Logus, realizada em 24 de outubro de 2023, quando estive nas dependências de sua sede no Bairro Tabuazeiro na cidade de Vitória, capital do Espírito Santo. Nessa ocasião, foi possível aprofundar meu entendimento acerca do trabalho desenvolvido pela companhia, assim como refletir sobre o modo de funcionamento da mesma, desde o ponto de vista burocrático até os processos criativos que ocorrem naquele espaço. Foi possível perceber que todos os membros missionários da Companhia concordam que a missão principal da organização consiste em difundir a palavra de Deus através da arte teatral. Desde o primeiro contato, os novos missionários são informados acerca dos propósitos da Cia e decidem se esses objetivos estão alinhados com suas aspirações na jornada de fé. Adicionalmente, há um consenso entre eles de que a atividade realizada pela Cia Logus é uma manifestação artística. Embora o desígnio final não seja centrado exclusivamente na peça como produto final, os membros estão conscientes disso e empenham-se em estudar para assegurar que seus trabalhos sejam reconhecidos como execuções de qualidade.

A Companhia reconhece sua responsabilidade enquanto entidade cristã perante a comunidade em geral, motivo pelo qual suas peças incorporam relações interpessoais e familiares em sua dramaturgia e os temas principais são abordados a partir destas relações. A abordagem não se restringe ao uso de terminologia estritamente "eclesial", visando alcançar não apenas aqueles que frequentam igrejas regularmente. Ao assistir às produções da Cia, qualquer indivíduo, independentemente de sua fé, pode se identificar, uma vez que os personagens

retratados são, em sua maioria, figuras familiares, tais como filhos, irmãos e primos. As situações enfrentadas por esses personagens refletem uma realidade que não está distante da vivência do público. A Companhia também desempenha um papel construtivo na comunidade ao proporcionar formação acessível para todos os interessados na linguagem teatral e em seus elementos. Além disso, assim como os integrantes da Companhia absorveram conhecimento do teatro não cristão, artistas desse contexto também têm a oportunidade de aprender por meio dos cursos e workshops oferecidos pela Cia.

Em relação à participação da Companhia em festivais de teatro promovidos por cidades brasileiras e diversos espaços culturais, embora exista abertura nos editais para tal, atualmente não é do interesse prioritário da Cia direcionar seus esforços para esse enfoque. O aumento constante na frequência de apresentações impõe limitações temporais que, por ora, a Companhia não pode acomodar. Apesar de já ter realizado apresentações em outros locais, a Companhia Logus mantém seu foco primordial nas parcerias estabelecidas com as igrejas. Essa ênfase é considerada crucial, dado que em um passado recente, o teatro era pouco ou nunca utilizado em muitas igrejas evangélicas, uma realidade corroborada pela ausência de registros documentais sobre esse tema.

Os membros da Cia também compartilharam percepções sobre o papel do teatro nas igrejas evangélicas, percebendo-o como uma ferramenta adicional que oferece uma voz àqueles que desejam disseminar os ensinamentos de Cristo de maneira diferenciada. Enfatizaram a importância dos dons e vocações individuais, observando que algumas pessoas desejam pregar a palavra, mas não possuem o dom da oratória. Assim, buscam outras formas de testemunhar e compartilhar suas crenças, seja por meio de trabalho de campo, atividades voluntárias, canto, entre outras possibilidades de evangelização que ultrapassam o método tradicional de pregação no púlpito com o uso de microfone. Destacaram que o teatro, ao proporcionar uma alternativa para a pregação, pode se tornar uma experiência impactante para determinadas pessoas que, por vezes, não se identificam com sermões convencionais, evidenciando que o teatro na igreja representa mais uma via eficaz para alcançar vidas.

Para além do contexto cristão, observa-se que a presença do teatro nas

igrejas, particularmente quando conduzido por profissionais dedicados, pode representar uma porta de entrada significativa para muitas pessoas que, por variadas razões, ainda não tinham presenciado uma apresentação teatral. Isso se aplica também àqueles que já assistiram a peças anteriormente, mas desconheciam a existência de uma prática teatral profissional dentro do âmbito eclesial. Esse movimento abre um leque de possibilidades, proporcionando o surgimento de novos espectadores e participantes ativos na cena teatral, conforme ilustrado anteriormente pelo caso da integrante da Cia Logus, Thais Martins, que, após assistir a uma peça na igreja, percebeu a viabilidade de trilhar essa trajetória e, atualmente, desempenha o papel de atriz missionária.

No primeiro capítulo da presente pesquisa, buscou-se apresentar sucintamente o histórico da relação entre o teatro e a Igreja, explorando seu desenvolvimento ao longo dos séculos. Apesar de sua utilização para diversos propósitos, a conexão do teatro com o "sagrado" remonta aos primórdios de sua criação, e contemporaneamente, o teatro demonstra que, mesmo em constante evolução, preserva suas raízes. No contexto brasileiro, essa trajetória não difere substancialmente, conforme documentado em relatos históricos. O teatro chegou ao Brasil por intermédio dos Jesuítas, que o utilizavam com o intuito de catequizar os povos indígenas, promovendo uma associação com o processo de embranquecimento cultural. Apesar de o Brasil ainda se deparar com o desafio de dissociar-se dessa herança colonial, observa-se uma atual discussão mais aprofundada sobre esse tema, e os artistas cristãos estão cada vez mais conscientes de que sua cultura não é hierarquicamente superior ou inferior às demais. Suas produções teatrais não visam impor crenças ou costumes a outrem. A Companhia Nissi, mencionada neste trabalho como uma referência contemporânea no cenário do teatro cristão evangélico no Brasil, exemplifica essa conscientização ao encenar um musical de grande porte sobre a vida de Martin Luther King Jr., uma figura globalmente significativa na luta contra a segregação racial e pela igualdade social nos Estados Unidos durante a década de 1950.

No segundo capítulo, o foco foi direcionado à Companhia Logus, explorando seu potencial estético e de mobilização, bem como o impacto de sua experiência na comunidade circundante, tanto cristã quanto não cristã. Esta

companhia, em constante desenvolvimento, destaca-se como um exemplo de produção teatral de qualidade, tanto se comparada em contextos eclesiásticos quanto fora deles. Notavelmente, a Cia Logus mantém sua independência em um estado onde a cultura é frequentemente desvalorizada, e poucos grupos teatrais conseguem resistir. Nesse contexto, a companhia circula por ambientes onde o teatro ainda pode ser objeto de discriminação e pouco explorado como uma ferramenta poderosa para transformação de vidas, além de possibilitar reflexões sociais significativas.

Como desdobramentos desta pesquisa espera-se que esse estudo possa estimular pesquisas mais aprofundadas sobre o teatro cristão evangélico, proporcionando um registro escrito deste momento na história do teatro que, por muito tempo, foi negligenciado ou ignorado por pesquisadores dessa área. A história que a Cia Logus contribui para escrever é marcada por sua resistência, constante aprimoramento e superação dos desafios diários.

Atualmente, existe uma lacuna de conhecimento acerca da relação entre o teatro e a igreja evangélica. Enquanto há uma ampla documentação e compreensão histórica da relação entre o teatro e a Igreja Católica, são escassos os relatos disponíveis sobre a abordagem da igreja protestante em relação a essa expressão artística. É possível perceber que haverá uma transformação desse cenário em um futuro próximo, dado que, a partir dos anos 2000 o teatro cristão evangélico experimentou significativo desenvolvimento, evidenciando uma tendência à profissionalização e uma expansão notável para além dos recintos eclesiásticos. Um exemplo dessa evolução está na participação de grupos de teatro cristão em prestigiadas premiações brasileiras, onde competem com produções de vários estilos, como exemplificado pela conquista do Prêmio Bibi Ferreira de teatro musical em 2019 pela Cia Nissi.

Pondera-se que para alcançar os resultados desejados no objetivo geral desse trabalho de maneira mais favorável, seria necessário dispor de um período mais extenso e de recursos adicionais, os quais, infelizmente, não foram viáveis no momento. Considerando que o tema do teatro cristão é permeado por preconceitos decorrentes de traumas históricos presentes no contexto brasileiro, torna-se imperativo realizar estudos mais aprofundados nessa área. Não obstante,

todo empreendimento requer um ponto de partida, e esta pesquisa representa minha contribuição inicial para a comunidade acadêmica interessada em explorar esse campo. Embora essa iniciativa possa suscitar mais indagações do que respostas, considero positivos os resultados deste estudo, uma vez que estimular a busca por conhecimento é tão enriquecedor quanto prover informações. Concluo que este trabalho representa mais uma tentativa de servir como fonte em um cenário ainda escassamente referenciado no Brasil, mas que detém considerável potencial para discussões e explorações futuras.

Referências Bibliográficas

ALMEIDA, J. E. L 1 2010. O Teatro, a pólis: Dionísio e seu espaço norteador da identidade políade. S.P., Labeca – MAE/USP.

BERTHOLD, Margot. **História Mundial do Teatro**. Trad. Maria Paula V. Zurawski. São Paulo: Perspectiva, 2000.

BONDÍA, Jorge Larrosa. Notas sobre a experiência e o saber de experiência. **Revista Brasileira de Educação**. Nº 19 Jan/Fev/Mar/Abr. 2002, p. 20 – 28.

COELHO, Ismael Crispim. **Cia de Artes Nissi: Uma análise da relação teatroreligião-sociedade**. Monografia - Curso de Comunicação Social – Universidade Federal de Juiz de Fora – MG. 2017.

DESGRANGES, Flavio. **Pedagogia Do Espectador**. Editora Hucitec, São Paulo. 2003.

GONÇALVES, Jean Carlos. ANDRADE, Carlos Eduardo. Teatro e Religião: O discurso de estudantes evangélicos no contexto de formação superior em artes cênicas. In **Revista Moringa**, v. 13 n 1, Jan-Jun/2022.

KALEWSKA, Anna. Os autos indianistas de José de Anchieta e a iniciação do teatro luso-brasileiro. **Itinerarios**, v. 6, p. 175-193, 2007.

LIMA, Francisco Wellington Rodrigues Lima. Fé, poder e propagação: a Igreja Católica na Idade Média e suas representações no teatro de Gil Vicente. In **Revista Veredas da História**, v. 11 n 1, Julho de 2018.

MARCOS, George E. **Ethnography through Thick and Thin**. California: Princeton University Press, 2021.

MORAIS, Priscila Soares. **Criar – aprender: Dinâmicas do processo criativo da cena**. Monografia – Curso de Licenciatura em Teatro – Universidade Federal do Rio Grande do Sul – RS – 2012.

NYN, João. **O teatro como contracolonização tupy-guarany nhandewa**. In: TERENA (Org.), Naine. DUARTE, Andreia (Org). Teatro e os povos indígenas: Janelas abertas para a possibilidade. 1ª Ed. São Paulo. 2021.

PEIXOTO, Fernando. **O que é teatro**. Editora Brasiliense. 5ª edição. São Paulo. 1983.

PESSOA, Enock. OLIVEIRA, Cid. **Primeira Cartilha da Diversidade Religiosa**. Instituto Ecumênico Fé e Política - Acre, Secretaria de Estado de Educação e Esporte, 2011.

SANTOS, Leandro Fazolla Rodrigues dos. Hibridismos e dicotomias do teatro cristão. In: Anais do IV Encontro Nacional do GT História das Religiões e das

Religiosidades - ANPUH - Memória e Narrativas nas Religiões e nas Religiosidades. **Revista Brasileira de História das Religiões**. Maringá (PR) v. V, n.15, jan/2013. ISSN 1983-2850. Disponível em <https://periodicos.uem.br/ojs/index.php/RbhrAnpuh/issue/view/1068> . Acesso em 02 de Jun/2023.

SOUZA, Priscila Peres de Oliveira Souza. **Elementos Cênicos no Teatro Cristão, reflexões sobre o espaço cênico e a expressão corporal, na preparação do espetáculo “Colisão” (2016) pelo grupo Kerigma**. Monografia – Curso Licenciatura em Teatro – Universidade de Brasília – Rio Branco – 2017.

APÊNDICE A – AUTORIZAÇÃO DE USO DE NOME

Eu, XXXXXXXXXXXX, Brasileiro, ator, Casado, autorizo o uso do meu NOME por prazo indeterminado no trabalho acadêmico de conclusão de Curso da turma de Licenciatura em Teatro da Universidade de Brasília, Intitulado *CIA LOGUS: O potencial estético e de mobilização do teatro cristão evangélico*, de autoria de Adonel Antonio Alves Junior, sem para isto receber qualquer contrapartida financeira.

Vitória - ES – 24 de Outubro de 2023

Nome completo